A COMPOSIÇÃO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

José Antônio Leandro Filho, André Santiago Baldan

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. Curso de Mestrado em Educação, Presidente Prudente – SP. E-mail: z2antonio@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho nos deparamos com uma possível crise na identidade das famílias brasileiras e utilizamos dessa crise para trabalhar a relação escola-família-aluno numa perspectiva psicopedagógica. Analisamos obras pontuais de autores que trabalham com o tema família e sua relação com o meio escolar. A família apresenta-se como uma constituição social em constante transformação e graças a essas transformações teve sua identidade e constituição abalada, deixando brechas nas suas responsabilidades com suas proles; tais brechas caem na questão educacional e com isso incidem na escola e nas responsabilidades da escola para com seus educandos.

Palavras-chave: família; escola; educação.

THE COMPOSITION OF BRAZILIAN FAMILIES AND THEIR RELATIONSHIP WITH THE SCHOOL

ABSTRACT

In this paper we face a possible crisis in the identity of Brazilian families and use this crisis to work on school-family-student relationship in a psychoeducational perspective. Analyze specific works of authors who work with the family theme and its relationship with the school environment. The family is presented as a social formation in constant transformation and thanks to these changes and had his identity shaken constitution, leaving gaps in their responsibilities to their offspring; such gaps fall in educational issue and that focus on school and school responsibilities towards their students.

Keywords: family; school; education

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Seja no seio familiar ou mesmo no seio das escolas institucionalizadas o processo educativo infantil é digno de atenção. Necessitando não apenas de atenção especializada como amor, carinho para que ocorra um amplo e significativo desenvolvimento infantil Com isso podemos perceber que um dos pilares educacionais para o amplo aprendizado da criança é a família; porém esta, assim como outras instituições, passa por um processo de indefinição causado pelas mudanças de comportamento e tecnologia, que trouxeram dificuldades para a postura educacional dos pais e mães, que em alguns casos chegam a transmitir amplamente suas funções educacionais para a instituição escola. As instituições educacionais passam por incertezas do mesmo gênero das famílias; qual sua função educativa? Estão os professores preparados para tomarem responsabilidades familiares?

Com isso, nosso trabalho visa um diálogo com a realidade da prática educativa, seja ela em âmbito familiar ou em meio institucional. Partimos de análises textuais para estabelecer uma possível crise na composição familiar brasileira e, a partir desta concepção, analisar qual a relação e a importância da família no âmbito educacional do aluno.

A FAMÍLIA BRASILEIRA

Entendemos que o modelo de família brasileira esta baseado nas concepções dos colonizadores portugueses, nos indígenas, na estrutura familiar dos escravos africanos, acrescidos das contribuições oriundas dos colonizadores europeus (italianos, franceses, espanhóis) e, mais recentemente, a influência dos imigrantes japoneses. Partimos de um modelo de família patriarcal, exemplificada em algumas áreas do Brasil, notadamente o nordeste açucareiro.

Apesar do uso da palavra patriarcal não podemos nos iludir e interpretar que isso signifique que o homem, na maioria das vezes o pai, tem o papel de líder do grupo; devemos entender que essa expressão aponta apenas e existência de uma liderança na unidade familiar, muitas vezes sendo a mulher essa representação de líder. Kaloustian nos aponta que

> [...] sobretudo no nordeste a mulher da família patriarcal apresenta o perfil de docilidade e passividade, com atividades voltadas mais para o interior da casa grande. Já no sul, ao invés as mulheres foram convocadas a administrar fazendas e a controlar a escravaria na ausência do homem[...](1994, p. 29).

Continuando com o pensamento de Kaloustian (1994, p. 30) percebemos que a família funcionava também como unidade de

apoio abrigando parentes e agregados, garantindo a esses um meio de sobrevivência.

Essas bases apontadas por Kaloustian (1994, p. 30) não são tão claras nas famílias hoje encontradas, onde graças à luta pela igualdade e pelo movimento feministas não percebemos essa disparidade nas casas brasileiras. Atualmente é nítido o avanço em direção à igualdade dos sexos; cada dia mais percebemos casais onde ambos tem seus empregos, são homens e mulheres com carreiras a serem geridas. Nesse cenário de busca pelo sucesso profissional, busca pela gestão econômica da casa, caímos em uma querela: com a tamanha necessidade de tempo a ser dedicada à carreira, a que ponto esta a responsabilidade da família em educar seus filhos? Ou podemos barganhar essa educação empurrando esta responsabilidade à escola? É cada dia mais comum a ausência de pais preocupados com o comportamento, com a disciplina, com o desempenho escolar de seus filhos nas reuniões escolares. Profundas mudanças ocorreram na sociedade brasileira, partindo dos anos cinquenta e sessenta, onde tais transformações inevitavelmente se refletiriam na família, na compreensão que esta tem de si mesma.

Análise psicopedagógico do relacionamento família-escola-aluno

Como podemos perceber a família encontra-se em processo de transformação, o que implica também mudanças e transformações nas instituições escolares. Cabendo até nos questionarmos sobre qual o papel da família e qual é o papel da escola no processo educacional das crianças? Para Parolin

> Cabe à família a tarefa de estruturar o sujeito em sua identificação, individuação e autonomia. Isso vai acontecendo à medida que a criança vive o seu dia inserida em um grupo de pessoas que lhe dá carinho, apresenta o funcionamento do mundo, oferece suporte material para suas necessidades, conta histórias, fala sobre as coisas e os fatos, conversa sobre o que sentem e pensam, ensina a arte da convivência. (2003. p. 91)

Essa necessidade que cada indivíduo tem de estar num ambiente estruturado, cada momento histórico apresenta um modelo de família preponderante; onde

> [...] cada família tem seus hábitos, suas crenças, seus mitos e medos, sua ideologia e seus objetivos. A forma de construir o cotidiano está relacionado a uma história que começou com os antepassados dos pais e se alonga no dia a dia com seus filhos. Dessa

> forma, a criança percorre um caminho que vai desde a mais completa fragilidade emocional, dependência absoluta, falta de autonomia e diferenciação até a compreensão do mundo real e a possibilidade de reconhecer o mundo interno. À medida que as pessoas vão vivendo em família, vão reconstruindo essa história, que ao mesmo tempo em que repete a história anterior, oportuniza uma nova forma de ser a mesma família. A família vai mudando para continuar sendo família e desta forma cumpre a sua função socializadora de construir pertencimento e individuação. (PAROLIN, 2003, p. 91)

Dessa forma podemos entender que a família é o lugar indispensável para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e dos outros membros da família, independentemente da constituição familiar (Kaloustian, 1988). A família é a responsável por propiciar os laços afetivos e materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes, desempenhando um papel decisivo na educação formal e não formal, sendo responsável por propiciar um espaço onde possam ser absorvidos valores éticos, humanos.

Percebemos então que uma educação bem sucedida da criança no âmbito familiar serve de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando adulto (GOKHALE, 1980). O que nos indica que

> [...] pensar em família é pensar em um grupo de pessoas que têm uma organização típica, normas, valores, formas de conduta e que, enquanto compartilham uma série de coisas, fatos, afetividades e emoções dando suporte umas para as outras, também lutam por diferenciar-se e serem reconhecidas como únicas. Orientam-se mutuamente no sentido de tornarem-se cidadãos e para exercerem seus direitos e seus deveres, tanto na esfera particular e doméstica quanto na esfera pública. (PAROLIN, 2003, p. 92).

Com o desenvolvimento a criança passa a tomar consciência que pertence à um grupo (sua família) onde seu nome e seu sobrenome são marcas desse vínculo com a mesma e desta relação traz consigo costumes, ideologias, identificando-se como uma singular identidade, originada por um turbilhão de informações, vivências e vínculos. Parolin aponta que estamos envoltos em um

> [...] contexto social em que os pais temem negar coisas para seus filhos por estarem preocupados com tudo que eles não conseguem dar: carinho, atenção, tempo, convívio e, principalmente,

> orientação educativa. Tentando sentirem-se melhor diante da criança, os pais e familiares vivem a crise do "não". Os pais sentem-se mal ao negar algo para seus filhos e acabam dando coisas, quer tenham condições financeiras, quer não tenham e não cumprem o papel maior que é dar limites, orientar, educar, formar um código moral e ético. Ao dar tudo que a criança quer, não conseguem estar presentes na relação: dão presentes por não estarem presentes. Esse movimento vai gerando insatisfação na criança que quanto mais ganha [o que realmente ela não queria], mais ela quer [o que seus pais não podem dar]. (2003, p. 94)

No desenvolvimento infantil é de vital importância que os pais apontem a criança o quanto são amadas; porém, sem que estas sejam o centro das atenções. Fazendo disto a forma de situar a criança seu contexto sócio afetivo;

> [...] à medida que a criança cresce, cabe aos pais mostrar para a criança que ela é importante sim, porém, não é a única pessoa importante no mundo; que ela é amada, sim, porém não é a única pessoa objeto do amor de seus pais. Localizar a criança em um contexto sócio-afetivo é tarefa importantíssima para adequação social. (PAROLIN, 2003, p. 95)

É necessário lembrar que a exposição de regras e limites à criança e ao adolescente, devem ser acompanhadas de um ambiente harmonioso, afetivo e compreensivo. O autoritarismo, a humilhação, a agressão, a ameaça não são educativos. Quando a criança compreende o "sim" como algo destinado a ela e o "não" como impedimento à realização de algo, ela se estrutura como pessoa e começa a compreender o sentido da liberdade como um trânsito entre o individual e o coletivo. O entendimento e a aceitação das regras de convivência, além de darem segurança e possibilidade de compreender o entorno, viabilizam aceitar o erro, arriscar-se diante do novo e aprender a avaliar o impacto de suas ações. A não compreensão de limites por parte de uma criança pode ter consequências desastrosas quando esta se encontrar na fase adulta, pelo simples fato que esta ou aquela ação nunca foi um problema anterior, pela falta de percepção do outro como outro, como ser importante.

Apesar dessa necessidade aparente da família na educação de suas proles, temos ainda a escola, que aparece como

> [...] uma instituição potencialmente socializadora. Ela abre um espaço para que os aprendizes construam

> novos conhecimentos, dividam seus universos pessoais, ampliem seus ângulos de visão, assim como aprendam a respeitar outras verdades, outras culturas e outros tipos de autoridade. Nessa instituição o mundo do conhecimento e da informação, ou seja, o mundo objetivo, se mistura na esfera dos sentimentos, das emoções e da intuição, ao dito mundo subjetivo. É emoção e razão que se fundem em busca da sabedoria. (PAROLIN, 2003, p. 98)

A evolução nos métodos de ensino que as escolas vêm adotando tende a priorizar o desenvolvimento integral do estudante, possibilitando uma conduta que viabilize significar o conhecimento e não apenas acumulá-lo. Porém, apesar dessa aparente amplitude e totalidade humanizadora da educação, o educador não pode ser responsabilizado pelas funções dos pais de seus alunos. Para que o educando seja atingido significativamente pela instituição escolar precisamos antes este aluno esteja preparado para assumir sua autonomia, sua capacidade participativa, sua capacidade produtiva; esta base educacional para a significativa participação da escola é oriunda do meio familiar:

> Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que se aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto. As duas instituições, família e escola, quanto mais se diferenciam, mais necessitam uma da outra. (PAROLIN, 2003, p. 99)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos então que a família, assim como a escola, encontra-se em crise de identidade e de responsabilidade; nisso nos questionamos onde fica a responsabilidade pela educação das crianças. Caindo na conclusão que a atitude dos adultos tem vital importância no processo educacional infantil.

Certos pais creditam à escola e ao educador profissional um papel que caberia a eles, esquecendo-se das funções paternas e maternas que aos mesmos são exigidos. Ambos, pais e escolas, educam as crianças para que as mesmas possam aprender instrumentos sociais para vivencia em sociedade. Portanto a tarefa do adulto, seja ele pai, familiar ou professor é construir, na criança, uma consciência moral pautada numa lógica de conduta visando o bem estar de todos.

REFERÊNCIAS

GOKHALE, S. D**.** A família desaparecerá? **Revista Debates Sociais,** Rio de Janeiro**,** v.16, n. 30,. 1980.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira:** a base de tudo. 3. ed. São Paulo: Cortez: 1994.

PAROLIN, I. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. In: JORNADA DE EDUCAÇÃO DO NORTE E NORDESTE. 5. 2003. Fortaleza. **Anais**... Fortaleza, 2003. p.91-99.

Recebido para publicação em 04/07/2014
Revisado em 09/09/2014
Aceito em 18/09/2014